



Director literario:

Acqueduto
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Collaço
PAPUSSE

BÉBÉ LEVA AÇOITES

Por GRACIETTE BRANCO

Desenho de EDUARDO MALTA

—«O' Bébé!...»

—«Anh?!»

—«¡ Anh?!»

—«Que é?»

—«¡ Que é?!
O' Bébé!!!»

—«Mamá?»

—«Venha cá!»

—«Vou já.»

—«¿ Que estás a fazer?!»

—«Nada.»

—«... Bébé...»

—«¿ Que é?!»

—«¡¡¡ O' Bébé!!!...»

—«¿ Que maçada!!!...»

... Pás-Pás-Pás...
... Zás-Zás-Zás...

—«Amh-Amh-Amh...»

—«Eu não gosto da Mamã!...»

—«Eu faço queixa ao Papá!...»

—«Amh-Amh-Amh...»

... Pás-Pás-Pás...
... Zás-Zás-Zás...

«Ande, vá queixar-se, vá...»

—«Chamei-o,
para lhe dar
um bolinho
com recheio
de encantar...»

Mas já que é mal-educado,
vou dá-lo ao Zézinho

Amado,
e o Bébé fica a chorar!...»





A BORBOLETA AZUL

POR BEATRIZ ESTER RAPOSO SILVA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONCLUSÃO)



O dar, muito ao longe, a última badalada da meia noite, pareceu-lhe ouvir um gemido e olhando para o interior da gruta, viu com surpresa uma formosíssima princesa moura que chorava e tendo a seu lado duas aias que soluçavam também. — «Princesinha Messanda — disse por fim uma delas — não vos apoquenteis assim, tende esperança que inda um dia poderemos ser felizes.» — «Não

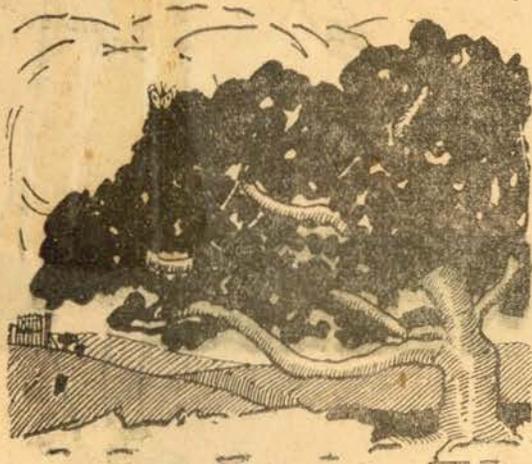
é possível — replicou a princesa moura — bem sabes o que a feiticeira disse quando nos encantou: «Ficareis encantadas em osgas até que alguma menina vos cubra de flores colhidas num jardim real.» Há tantos anos que isto foi e nunca ninguém soube porque ficámos encantadas. Nunca o pudémos contar porque, apenas da meia-noite para a uma hora, voltamos à nossa forma humana e então não podemos sair daqui e ninguém ousa aproximar-se desta gruta.»



E, Messanda a linda princesa, rompeu novamente em soluços.

Mas como nesse momento desse uma hora no relógio da torre a borboleta azul viu as três mouras transformarem-se em osgas. Quando amanheceu ergueu vôo novamente e passados dias encontrava-se nos jardins do palácio do rei seu pai. No palácio ia um grande alvoroço por causa do desaparecimento da princesa; a rainha chorava incessantemente; o rei aflitíssimo, tendo-se recordado das palavras da fada atribuía a si todas as culpas por não ter avisado a família real, os cortezãos e o povo do que ela lhe dissera, e agora mandava para todas as terras do reino em busca da filha, regimentos comandados pelos príncipes, mas ninguém dava notícias dela.

Todó o povo estava inconsolável com o desaparecimento misterioso de Miosote e principalmente o velho jardineiro do palácio que tanto estimava a princesinha e a quem o rei



acusava de pouco vigilante. Vagueava ao acaso pelas ruas do jardim, quando um dia, olhando casualmente para o chão, viu cortado e já meio murcho um tronquinho de miosótis que lhe fez lembrar a princeza, e, tendo subitamente uma idéa, apanhou-o. Com todo o cuidado foi plantá-lo num canteiro. Esse tronquinho era o mesmo que a princeza tinha colhido e assim que o velho jardineiro o acabou de plantar a borboleta azul, que se encontrava pousada numa árvore próxima, transformou-se na princeza Miosote que, cheia de alegria e reconhecimento, foi abraçar o bom velho.

Pode-se calcular a grande alegria dos reis quando tornaram a ver a filha que estremeciam e que já desesperavam de encontrar.

Depois de ouvirem a princezinha contar porque estivera encantada e de terem agradecido ao bom velhinho que a tinha desencantado, mandaram preparar grandes festejos.

Mas Miosote quando viu todos entretidos desceu ao jardim e resolutamente encaminhou-se para os lados da gruta misteriosa. A sua idéa era salvar a princeza moura e as suas aias, e sem o ter conseguido não se considerava completamente feliz. Quando ia a sair o jardim, viu três osgas nas quais logo reconheceu as mouras encantadas. As únicas flores que havia no jardim eram miosótis, mas a princeza não hesitou. Colheu um braçado de flores e atirou-as para cima dos reptis. Estes transformaram-se imediatamente nas três formosas mouras, ao mesmo tempo que Miosote se metamorfoseava de novo na borboleta azul. Então a fada, que já uma vez lhe tinha aparecido, apareceu novamente e tocando-lhe com a varinha do condão fé-la voltar à forma primitiva, exclamando alegremente: — «Princeza, és a donzela de melhores sentimentos que existe no mundo. Sacrificavas a tua vida para a dares a estas meninas para ti quasi desconhecidas e apenas movida por um sentimento de bondade, pois sabias que, mal colhesses os miosotis, outra vez ficavas encantada e, então, talvez para sempre».

— «Senhora — respondeu Miosote — valia bem sacrificar uma vida, para salvar três!» — «Pois bem, minha filha, — retorquiu a fada — em recompensa da tua acção tão linda, em nome de Deus te fado para que sejas a pessoa mais feliz do mundo. E tu, princeza Messanda — acrescentou dirigindo-se à formosa moura — já tens direito a ser também feliz, assim como as tuas aias». E, sorrindo meigamente, a fada levantou a varinha e desapareceu.

As três mouras chorando de reconhecimento e felicidade, abraçaram a linda Miosote a qual logo as conduziu para o palácio onde contou aos reis seus pais, tudo o que sabia.

Os reis acolheram-nas muito bem, sentindo-se imensamente felizes por terem uma filha tão boa, e pediram a Messana que lhes contasse a sua história e das suas companheiras.

— «Há perto de quatrocentos anos — começou Messanda — andava eu a passear pelo campo, com as minhas duas aias, quando vimos uma velhinha de cabelos brancos e faces enrugadas, que andava apanhando lenha.

Eu ri dos seus cabelos e das suas rugas e as minhas aias riram também. Então, a velhinha, que era uma feiticeira, voltou-se para nós, dizendo:

— «Messanda, foste cruel e má, assim como as tuas aias, por escarnecerem uma pobre velha, não vos lembrando que se Allah vos der vida vireis a ser velhas também. Em castigo da vossa feia acção, ficareis encantadas em osgas, o mais aqueroso dos reptis, até que alguma menina vos cubra de flores colhidas num jardim real.

Apenas podereis voltar à forma humana, durante o tempo que estiverdes encantadas, da meia-noite para a uma hora, mas, então, não podereis ver ninguém, que é para sentirdes ainda maior o vosso castigo. E se vos não encanto para sempre é porque tendes estado até hoje debaixo da protecção de Allah, pelas vossas boas acções».

Então, a velha feiticeira levantou a varinha e nós vimos cumprida a sua maldição. O lindo çaramanchão de verdura em que nos encontravamos transformou-se numa gruta que ficámos habitando durante a noite. De dia corriamos pelos campos e jardins.

Horas depois da feiticeira nos ter encantado, vimos os fidalgos e os soldados da casa de el-rei, meu pai, passarem à nossa procura. Que angústia, a nossa, vê-los e não lhes podermos falar, e ao pensarmos o sofrimento que a nossa desapareição teria causado a nossos pobres pais!

Duraram dezenas de anos essas pesquisas que só terminaram quando o reino foi conquistado pelos cristãos. Parece que, só muitos anos depois desse acontecimento, se começou a saber muito vagamente o destino que tínhamos tido, talvez pela própria feiticeira que nos encantou, e à nossa volta formou-se uma lenda a que esta bondosa princeza agora pôs fim chamando-nos novamente à vida. Actualmente sou eu a única descendente dos antigos soberanos deste país e reconheço este palácio que inda conserva o seu cunho mourisco e que era aquele em que viviamos. Sofremos muito durante todo o tempo que estivemos encantadas — concluiu Messanda — e talvez não fossemos eternamente se não fosseis vós, linda princeza, para quem pedimos todas as bênçãos de Allah! Os reis abraçaram afectuosamente Messanda e convidaram-na a

ficar no palácio com as suas aias, o que ela aceitou reconhecida.

Desde esse dia, Messanda e Miosote, que eram da mesma idade, amaram-se reciprocamente como irmãs e, pouco tempo depois, as três mouras abraçavam a religião de Cristo e recebiam o baptismo.

Alguns meses mais tarde, a boa Messanda casava com o filho primogénito do rei, o mais arrojado e garboso cavaleiro do reino, tão bom como sua irmã, e herdeiro do trono que em eras já longinquas tinha sido ocupado pelos reis mouros pais da sua noiva, a linda moura encantada.

Quando no reino se soube a vida da princeza Messanda as mães recomendavam aos filhos:

«Nunca escarneçam de ninguém. Lembrem-se sempre que o que hoje escarnecem em qualquer, amanhã outros poderão escarnecer em vós. Tomem por exemplo o que succedeu à princeza Messanda que sendo boa, por escarnecer a velha feiticeira, passou longos anos de angústia; mas imitem sempre as acções da princeza Miosote, que serão estimados por todos.»



HISTÓRIA

■ DUMA ■

NEGRINHA

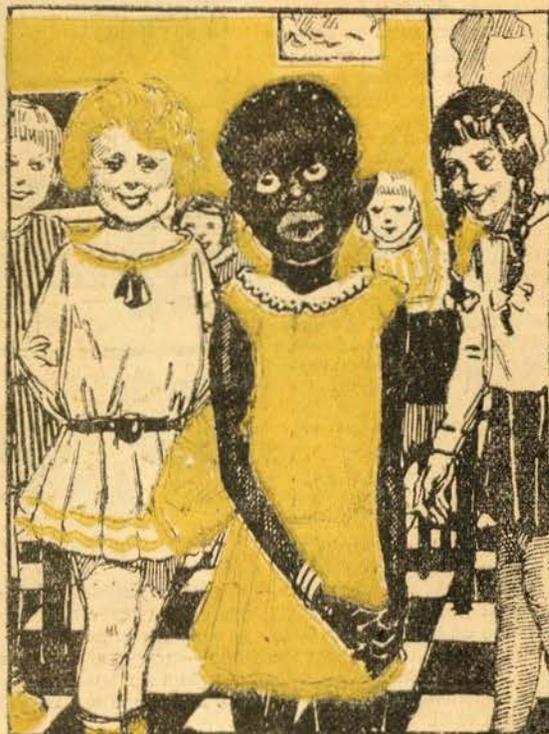
POR JÚJÚ

DESENHOS DE
EDUARDO MALTA



UIZA e Rita eram duas amiguinhas muito sinceras. Andavam ambas na escola e juntas estudavam a lição, com as cabeças louras encostadas; os olhos, muito vivos, percorrendo as páginas dos livros a decorarem as lições, elas eram as primeiras alunas da classe e ouviam muitos elogios pela sua inteligência e aplicação. Tantos louvores envaideceram as pequenitas que, de boas e meigas que eram, se tornaram orgulhosas e

egoístas, não ligando importância a nenhuma colega e mesmo desprezando algumas. A mais maltratada era uma pobre negrinha que, além de ser feia, era menos inteligente mas aplicada e bastante estudiosa. Apesar de tão feia, quanta bondade havia no seu coração! Da sua bôquilha mai feita,



nunca saía uma palavra feia que ofendesse as suas altivas companheiras.

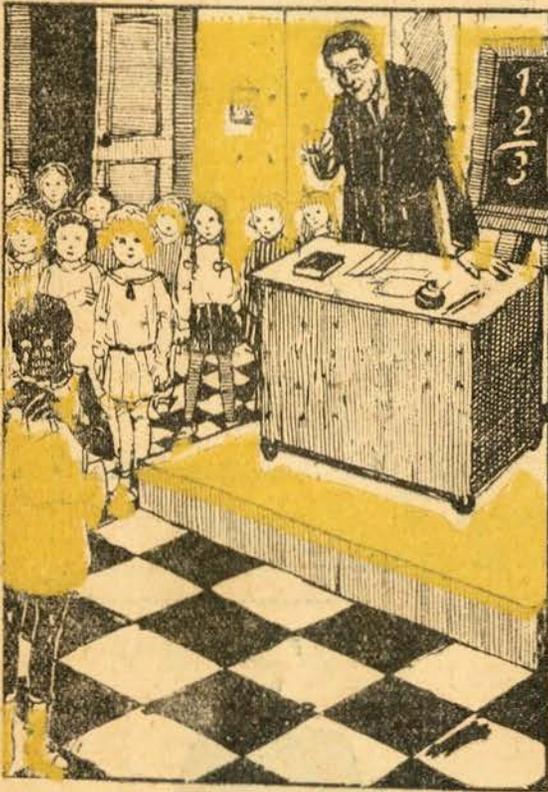
Mas quantas vezes, depois duns ditos maldosos que a magoavam profundamente, a desgraçada negrinha ia para um canto chorar e as lágrimas corriam-lhe pelo rosto sentidas e dolorosas.

Era tão infeliz! Jámais conhecera o doce carinho duma mãe e as suas facezinhas negras, nunca tinham sido beijadas com êsses extremos de ternura que só os pais sabem ter! Mesmo as professoras, tão bondosas com as outras, para ela eram-no menos.

A pobre Guidinha (era êste o seu nome) tinha um grande desejo: ganhar no próximo concurso de contos, que se realizava no colégio, o primeiro lugar. Queria mostrar que apesar de ser desprezada por todos, não era menos que as suas colegas e, se estudasse muito, também poderia alcançar uma boa classificação.

Chegou, enfim, o grande dia, tão ansiosamente esperado por todas as alunas e principalmente pelas nossas conhecidas Rita e Luiza que esperavam, mais uma vez, mostrar as suas belas faculdades mentais.

Nervosamente, uma pobre pequenita negra, enrolava e desenrolava um esfarrapado lenço, (advinham quem era?) es-



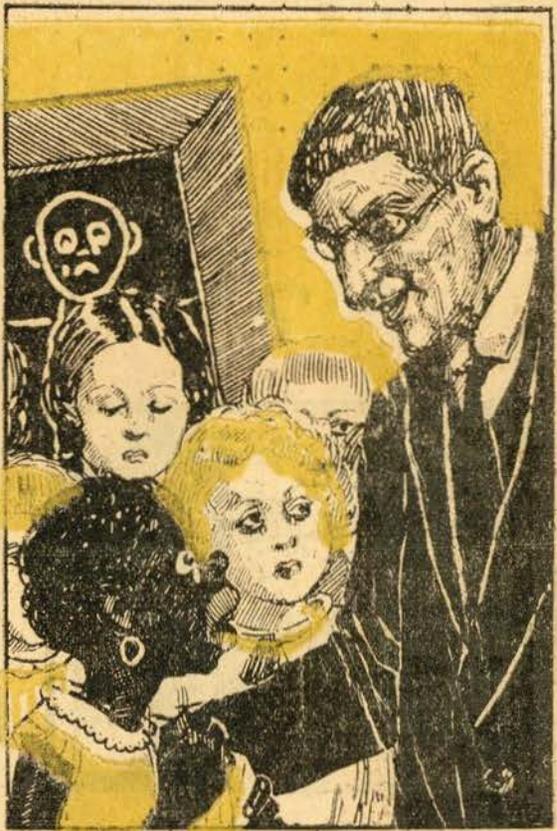
a voz vibrante de comoção: O prêmio foi conferido à autora do conto «História duma negrinha»!

Um grito de felicidade e de alegria ecoou por toda a sala, e os olhos surpresos do presidente e das alunas deram com a Guidinha chorando convulsivamente, mas desta vez de alegria.

Então, o presidente beijando-a, disse, bem alto, para que todos o ouvissem: «Criança! o teu conto é um pedacinho do teu coração que advinho ser o mais puro e bondoso que palpita num peito humano. Conferi-te o prêmio, não pela correção literária do teu conto, mas pela sentida comoção que demonstras ter pelos que sofrem! Sinceramente te felicito e, além do prêmio que ganhaste, eu quero que tu, de hoje em diante, vás viver para a minha casa. A minha mulher e eu consideras-te-hemos como a nossa filhinha muito querida...

Todas as alunas, mesmo a Rita e a Luiza estavam comovidas até às lágrimas. Todas choravam.

Pouco depois, a Guidinha saiu pela mão do seu bemfeitor para uma nova vida, a onde, enfim, ia conhecer a verdadeira felicidade: ter quem a amasse.



perando a decisão do júri que reunira para deliberar a quem devia conferir o prêmio.

Este concurso, entre as alunas, constava dum conto feito só por elas.

Luiza e Rita estavam certas que seriam elas as vencedoras, porque o seu conto, feito de mútua colaboração, era «um primor de bem escrito». Guidinha olhava tristemente para as suas duas companheiras, chegando quasi a invejar a grande inteligência das duas pequenas. E murmurou amargamente: «Como posso eu ganhar, se elas concorrem com uma história tão linda?! é impossível que haja outra que a suplante... O meu conto, embora fôsse escrito com toda a ternura da minha alma, é uma insignificância comparado com o delas. E depois quem se interessará com a triste história duma negrinha que não tinha pai nem mãe?»

Fôra a sua história, regada com sentidas lágrimas do seu coração, que a Guidinha escrevera.

Mas, eis que a porta da sala do júri se abre de par em par, e um homem de aspecto simpático assume ao limiar. Entre a turba escolar ha um momento de indescritível ansiedade: quem ganhará o prêmio? Depressa a curiosidade é satisfeita. O presidente do júri, pois era ele, exclama com

A Rita, um pouco arrependida do seu tolo orgulho, mas ainda despeitada, murmurou: «É bem certo! Mais vale quem quer, do que quem pode!...

Mais uma vez o popular rifão foi confirmado.

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

BREVEMENTE

AVENTURAS COMICAS

POR

PÁPIM, PAPUSSE & C.^o

ADIVINHAS

Substituir os pontos por letras, e teremos doze peças de vestuário masculino.

	V
.	I
.	V
.	A
.	O
.	P
.	A
.	P
.	U
.	S
.	S
.	E

Substituir estes pontos por letras, e teremos dez peças bem precisas num guarda-loiça.

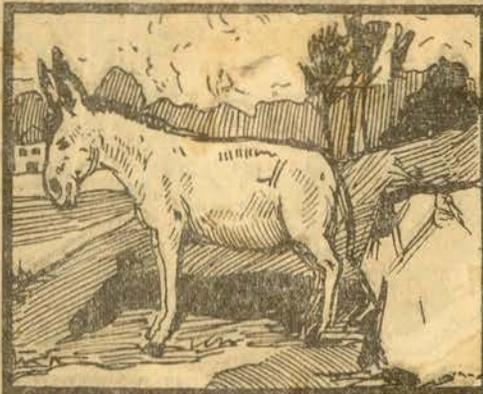
.	.	.	V	.	.	.
.	.	.	I	.	.	.
.	.	.	V	.	.	.
.	.	.	A	.	.	.
.	.	.	O	.	.	.
.	.	.	P	.	.	.
.	.	.	A	.	.	.
.	.	.	P	.	.	.
.	.	.	I	.	.	.
.	.	.	M	.	.	.

Romeu Heitor Mendes Ferrão.

Decifração da adivinha anterior. (N.º 55):

40 — 10 — 30 — 90 — 1000 — 20 — 500 — 50.

?



MEUS MENINOS: Vejam se descobrem onde se encontra o dono deste burrinho.

?



Este saloio vai a pensar na sua conversada. Vejam os meninos se conseguem descobri-la.

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM!

AVISO IMPORTANTE

Encontra-se quási esgotado

O LIVRO DE OIRO INFANTIL

constituído pelos 5 volumes já publicados

MAIS DE 300 DESENHOS A CORES

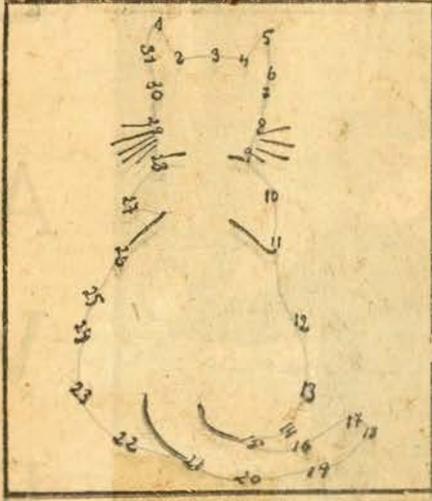
PREÇO

30 escudos cartonado — 25 escudos brochado

20 % de desconto aos assinantes do SÉCULO

Pedidos à nossa Administração

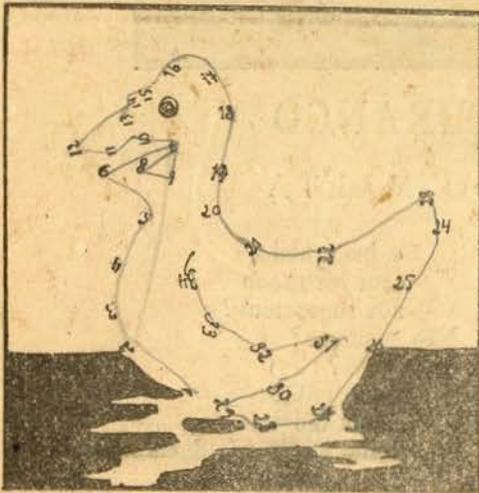
LIÇÃO DE DESENHO



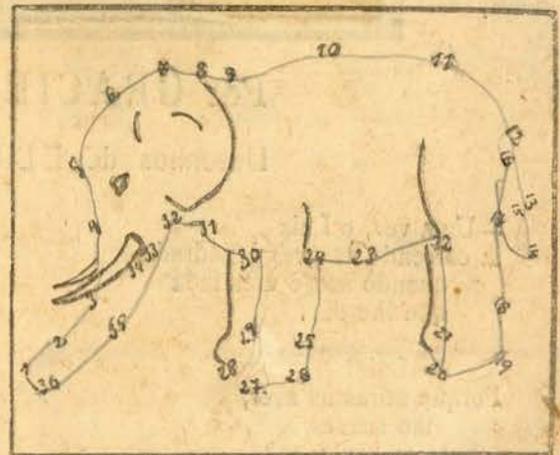
UM GATO



UM CÃO



UM PATO



UM ELEFANTE

EXPLICAÇÃO:

Para se conseguir o contorno dos desenhos acima expostos, basta unir por meio de um traço os respectivos números.

O
L
U
I
Z
E



A
S
A
V
E
S

Por GRACIETTE BRANCO

Desenhos de EDUARDO MALTA

—Uma vez, o Luiz
ia correndo as aves à pedrada,
quando surge uma fada
que lhe diz:

—«Luiz!
Porque atiras às aves,
tão suaves,
a voarem nos céus?
Sabes que cada pedrada
é uma pedra atirada
ao coração de Deus?»

—Ouve, Luiz:
Se algum dia,
fizesses, com alegria,
numa inspiração feliz,
qualquer coisa:—algum brinquedo,
que ao teu espírito ledo
agradasse.

—ouve, Luiz:
—gostavas tu que um menino,
traquinas, feio, rabino,
te mutilasse

o brinquedo,
sem ter medo
aos rogos teus?
Não gostavas?
Soluçavas?
Ouve então:
A tua tão feia acção,
como há-de agradar a Deus?!

Deus,
fez as aves,
suaves,
para voarem nos céus!
—Não as mates! São tão belas!
Não sejas mau para elas,
Não faças soluçar Deus!

—E, desde então, o Luiz,
a todo o menino diz:
—«Não mates, nem trates mal,
as aves que andam nos céus!
Porque as aves, afinal,
Também são filhas de Deus!...»